



ARTETERAPIA Cores da Vida

Ano 3 - Volume 5 - Número 5 - Julho – Dezembro - 2007

Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida

ISSN: 1809-2934

Disponível em: <http://www.brasilcentralarteterapia.org>

- Associação Brasil Central de Arteterapia -

SUMÁRIO

EDITORIAL

-
- A expansão da prática arteterapêutica** 02
Ana Cláudia Afonso Valladares (GO-Brasil)

ARTIGOS ORIGINAIS

-
- 1 - O corpo: suas manifestações e expressões** 03
Edeltraud Fleischmann Nering (SC-Brasil)
- 2 - Trabalho corporal como potencializador do processo criativo e arteterapêutico** 10
Estela de Almeida Cosa & Tatiana Fecchio Gonçalves (SP-Brasil)

RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

-
- 3 – “Malabaristas de sueños”: ecos de una experiencia grupal** 15
Cecilia Torres Garibaldi (Argentina)
- 4 – A produção de imagens como técnica auxiliar à terapia de momentos de transição, como luto, perdas e proximidade da morte – relato de um caso** 18
Vanessa Coutinho (RJ-Brasil)

ARTIGO DE REVISÃO

-
- 5 - Há *mundus imaginalis* na relação analítica?** 20
Maria Cristina Urrutigaray (RJ-Brasil)

ARTIGOS DE ATUALIZAÇÃO OU DIVULGAÇÃO

-
- 6 – Bibliografia da Arteterapia no Brasil** 24
Ana Cláudia Afonso Valladares (GO-Brasil)

EDITORIAL

A EXPANSÃO DA PRÁTICA ARTETERAPEUTICA

Há bem pouco tempo, os profissionais da Arteterapia, vêm tentando construir a integração do corpo e da alma nas suas condutas terapêuticas, uma cisão que ainda arrasta o homem na nossa sociedade atual. O desenvolvimento dos capítulos deste volume inicialmente considerará o corpo em suas manifestações e expressões, no seu potencial de favorecer o processo criativo. Conteúdo este que está embasada a prática arteterapeuta.

Foi trabalhado, neste volume, a utilização de técnicas artísticas como importante facilitadora da emergência de conteúdos inconscientes por parte de pacientes anciãos, e as ressonâncias vivenciais e teóricas utilizando-se de recursos do Psicodrama. Bem como, o volume 5, traz uma importante reflexão sobre o encontro entre analista-analisando, origem de um espaço para a percepção do mundo imaginário do paciente. Finaliza com uma importante indicação bibliográfica atualizada da Arteterapia no Brasil, base para leituras e estudos na área.

Profª Ana Cláudia Afonso Valladares

Coordenadora do Conselho Editorial da Revista Científica Arteterapia Cores da Vida

The expansion of the art therapeutic practice

There is a little time, that the professionals of Art therapy, are trying to build the body and soul integration in their therapeutic conducts, a split that still drags the man in our current society. The chapters' development of this volume will initially consider the body in its manifestations and expressions, in its potential of favoring the creative process. This content is based on the art therapeutic practice.

Working in this volume, the utilization of artistic techniques as emergency unconscious contents an important facilitator by elders patient, vivacious and theoretical resonance using Psicodrama's resources. As well as, the volume 5, brings an important reflection on the encounter between analyst-analyzing, origin of a space for patient's imaginary world reception. It concludes with an Art therapy's important up-to-date bibliographical indication in Brazil, base for readings and studies in the area.

Profª Ana Cláudia Afonso Valladares

Coordinator of Board Members of Editorial of the Scientific Magazine Arteterapia Cores of the Life

La expansión de la práctica arteterapéutica

Hace poco tiempo, los profesionales de Arteterapia, están tratando formar la integración del cuerpo y del alma en sus conductas terapéuticas, una separación que todavía arrastra el hombre en nuestra sociedad en curso. El desarrollo de los capítulos de este volumen inicialmente considerará el cuerpo en sus manifestaciones y expresiones, en su potencial de favorecer el proceso creativo. Contenido este que es fundado en la práctica arteterapeuta.

Fue trabajado, en este volumen, el uso de las técnicas artísticas como facilitadora de la emergencia de contenidos inconscientes sobre la parte de pacientes ancianos, y los resonantes vivenciales y teóricos usándose de recursos del Psicodrama. También como, el volumen 5, tras una reflexión importante sobre el encuentro entre analista-analizando, origen de un espacio para la percepción del mundo imaginario del paciente. Concluye con una importante indicación de la bibliografía actualizada del Arteterapia en Brasil, base para las lecturas y estudios en el área.

Profª Ana Cláudia Afonso Valladares

Coordenadora del Consejo Editorial de la Revista Científica Arteterapia Colores de la Vida

ARTIGOS ORIGINAIS

1 - O CORPO: SUAS MANIFESTAÇÕES E EXPRESSÕES

*Edeltraud Fleischmann Nering*¹

Resumo: Refletir e aprofundar sobre o que seja o corpo humano, segundo alguns teóricos. Descrever o processo vivenciado em sala de aula tanto pessoal como em conjunto com o grupo e, ainda fazer uma auto-análise da postura corporal do próprio corpo e do corpo do outro, são os objetivos deste trabalho, que no primeiro capítulo trata do corpo, suas manifestações e expressões, lembrando que o corpo carrega estórias, sendo considerada nossa memória mais arcaica. Cada acontecimento vivido deixa no corpo sua marca. Marcas que causam dores e aflições, deixando o corpo doente, necessitado de cuidados. Abrir-se para a escuta do corpo é importante e necessário para que este seja cuidado. A terapia pode ser um caminho eficaz para o cuidado com o corpo, a revitalização das energias desgastadas pelas tensões diárias, a integralização do corpo cansado e fragmentado. O segundo capítulo, trata do processo vivido em sala de aula, que vai desde os exercícios e técnicas que envolveram a dança, relaxamento, massagens, até a parte teórica que incluiu o filme “Quem somos nós”, além de uma abordagem sobre o Corpo e suas mudanças e do Corpo em Terapia. Trata-se de uma pesquisa teórica, qualitativa, reflexiva, à partir das vivências em sala de aula. Cuidar do corpo envolve uma conversa interdisciplinar, uma vez que o ser humano é um ser, bio-psico-socio-espiritual, muito além do paradigma cartesiano do homem-máquina.

Palavras-chave: Corpo; Terapia; Ser humano; Arteterapia.

Body: its manifestations and expressings

Abstract: Thinking and deepening about what the human body is, according to some theory developers. Describing the process experienced in class as personal as in a group and, still doing a self-assessment about the body position from the own body and from another one's body, are the goals of this work, which in the first chapter is about the body, its manifestations and expressions, remembering the body carries stories, concerning our more ancient memory. Each live experience gets in the body its mark. Marks, which cause pains and afflictions, getting the body, sick, require caring. It's important and necessary to allow the listening of the body in order to be cared. The therapy can be an efficient way to take care the body, the reinvigorating of the exhausted energies due to the everyday stresses, the integralization of the tired and fragmented body. The second chapter, is about the experimented process in class, which goes from the exercises and techniques that involved dance, relaxation, massages, to the theory part which included the movie “Who are we?”, and an approach about the Body and its Changes and the Body in Therapy. It's a theoretical, qualitative and reflexive research, according to the experiences in classroom. Taking care of the body involves an interdisciplinary conversation, once the human being is a bio-psycho-socio-spiritual being, much higher than the Cartesian paradigm of the machine being.

Key words: Body; Therapy; Human being; Art therapy.

El cuerpo: sus manifestaciones y expresiones

Resumen: Reflexionar y profundizar sobre lo que sea el cuerpo humano, según algunos teóricos. Describir el proceso vivenciado en clase tanto personal como en conjunto con el grupo y, todavía hacer un auto análisis de la postura corporal del propio cuerpo y del cuerpo del otro, son los objetivos de este trabajo. El primer capítulo trata del cuerpo, sus manifestaciones y expresiones, recordando que el cuerpo carga historias, siendo considerada nuestra memoria más antigua. Cada acontecimiento vivido deja en el cuerpo su marca. Marcas que causan dolores y aflicciones, dejando el cuerpo enfermo, necesitado de cuidados. Abrirse para escuchar el cuerpo es importante, necesario y elemental para que éste sea cuidado. La terapia puede ser un camino eficaz para el cuidado con el cuerpo, como también revitalizar las energías desgastadas por las tensiones diarias y la integridad

¹ Coordenadora do trabalho da OASE – Ordem Auxiliadora de Senhoras da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, bacharel e licenciada em artes Visuais pela Universidade do Contestado, Especialista em Aconselhamento e Psicologia Pastoral pela Escola Superior de Teologia(São Leopoldo – RS) e Faculdade São Luis(Brusque-SC), pós-graduanda em Arteterapia: Fundamentos e Prática (Faculdade São Luiz – Brusque – SC).R: José Brúsqui Jr, 237-Bairro Industrial Sul – Rio Negrinho – SC. CEP: 89.295-000, E-mail: traudi10@gmail.com

del cuerpo cansado y fragmentado. El segundo capítulo, trata del proceso vivido en clase, que va desde los ejercicios y técnicas que envuelven la danza, relajamiento, masaje, hasta la parte teórica que incluye la película “Quién somos nosotros”, además de un abordaje sobre el Cuerpo y sus mudanzas y del Cuerpo en Terapia. Se trata de una investigación teórica, cualitativa, reflexiva, a partir de las vivencias en clase. Cuidar del cuerpo envuelve una conversación interdisciplinario, una vez que el ser humano es un ser, bio-psico-socio-espiritual, mucho más allá del paradigma cartesiano del hombre máquina.

Palabras clave: Cuerpo; Terapia; Ser humano; Arteterapia

Introdução

O presente trabalho visa refletir e aprofundar sobre o que seja o corpo humano, segundo alguns teóricos. Descrever o processo vivenciado em sala de aula tanto pessoal como em conjunto com o grupo e, ainda fazer uma auto-análise da postura corporal do próprio corpo e do corpo do outro.

O primeiro capítulo refere-se ao corpo, suas manifestações e expressões, lembrando que o corpo carrega estórias, sendo considerada nossa memória mais arcaica. Cada acontecimento vivido deixa no corpo sua marca. Marcas que causam dores e aflições, deixando o corpo doente, necessitado de cuidados.

Abriu-se para a escuta do corpo é importante e necessário para que este seja cuidado. A terapia pode ser um caminho eficaz para o cuidado com o corpo, a revitalização das energias desgastadas pelas tensões diárias, a integralização do corpo cansado e fragmentado.

O segundo capítulo, trata do processo vivido em sala de aula, que vai desde os exercícios e técnicas que envolveram a dança, relaxamento, massagens, até a parte teórica que incluiu o filme “Quem somos nós”, além de uma abordagem sobre o Corpo e suas mudanças através dos séculos e do Corpo em Terapia.

É tempo de parar e escutar, pois o corpo fala!

O corpo, suas manifestações e expressões

O corpo fala! E como fala.... Porém, não é ouvido e por vezes pouco percebido. Mais percebida é a fala falada. Fala tagarela, fala verbal, sempre dando seu sinal. E o corpo vai ficando de lado sem ser tocado, apreciado, acalentado, celebrado. E quando é percebido, está todo sofrido, doído, envelhecido, um pobre mendigo, procurando abrigo. E o tempo, ah o tempo! Este sutilmente corrói o templo sagrado que é o corpo humano.

“O corpo encarna a possibilidade de compreensão dos gestos e das palavras” (FURLAN & BOCCHI, 2003, p.445), afirma Merleau-Ponty, ou seja, através da expressão corporal, gestos e palavras passam a ter significado.

O corpo conta muitas estórias, carrega consigo todo o arsenal consciente e inconsciente, todas as sensações, sentimentos, pensamentos, dores, perdas, alegrias, prazeres e satisfações, que vão desde a infância até a idade adulta. “O corpo é nossa memória mais arcaica. Nele nada é esquecido. Cada acontecimento vivido, particularmente na primeira infância e também na vida adulta, deixa no corpo sua marca profunda” (LELOUP, 1998, p.15). O corpo carrega lembranças!

Abriu-se para a escuta do corpo é fundamental para perceber-se ser humano integral, ou seja, um ser bio-psico-socio-espiritual, do qual fazem parte a dimensão biológica, que se refere à esfera física e orgânica do ser humano. A dimensão psicológica, que se refere a todas as necessidades emocionais e afetivas do ser humano. A dimensão sociológica, que se refere à necessidade de relacionamentos significativos para assegurar a existência. A dimensão espiritual abrange as esferas mais profundas da identidade do ser humano, como criatura em busca de sentido para sua vida (NOÉ, 2005, p.47-48). Como ser humano integral, é imprescindível escutar cada parte do corpo do ponto de vista físico, psicológico, espiritual para viver a vida com todo o seu dinamismo.

A vida nos é dada, no entanto nem sempre é recebida como um belo presente. Existem momentos em que nosso corpo se fecha para a “dança” da vida, e então adocece e perde a mobilidade e o seu o dinamismo. Mobilidade significa mover-se, perceber-se, perceber o lugar que ocupamos, perceber-se autor da própria história, perceber o corpo e suas expressões e manifestações, abrir-se para o novo, para um novo movimento. Deixar-se afrouxar de padrões que estão cristalizados e que impedem que o corpo seja cuidado, reverenciado na sua integralidade.

Vive-se num mundo cheio de tensões, medos, insegurança que invadem o corpo em todos os sentidos, e o ser humano se contrai, se fecha, se encolhe, gerando tensões musculares, dores internas e externas, não respira mais o Sopro da vida, da essência, bloqueando assim o fluxo energético do corpo. Segundo Reich: “As tensões do dia a dia bloqueiam o fluxo normal da energia e das emoções fazendo com que se perca a espontaneidade nas relações humanas. Sentimentos de insegurança, medo e raiva superam o prazer, a alegria e a busca da felicidade” (MOYSES & LÉLIS, 2004, p.1).

Neste contexto, faz-se necessário parar e entrar em “sentido de escuta”, de uma escuta profunda do corpo que fala, expressa e manifesta-se de diversas formas. O corpo não mente, diz o ditado popular, “o corpo reflete

seu drama, é o porta-voz de verdades inconscientes que pedem revelação. Os sintomas e a doença orgânica são os protagonistas de um drama vivido que emergem no cenário do corpo e no palco do seu universo relacional” (FREIRE, 2004, p.1).

Ouvir este corpo é libertar o movimento, a dinamicidade, é tocar-se e se deixar tocar, é re-significar o sentido da vida, encontrar uma nova ordem, quebrar as “couraças”² que congelam e impedem viver a vida intensamente, criativamente e espontaneamente.

Cuidar do corpo é cuidar do templo sagrado. Tocar um corpo é tocar o templo sagrado, como diz Leloup (1998, p.26): “Não esqueça de que você toca uma pessoa e que neste corpo está toda a memória de sua existência. E, mais profundamente ainda, quando você toca um corpo, lembre-se de que você toca um Sopro, que este Sopro é o Sopro de uma pessoa com seus entraves e dificuldades e também, é o grande Sopro do universo. Assim, quando você toca um corpo, lembre-se de que você toca um Templo”.

1.1 Cuidando do corpo – o corpo em terapia

Vivendo num mundo acelerado e materialista, muitos seres humanos nunca foram tocados como um Templo Sagrado, em alguns casos, até foram tocados, mas como coisas, objetos, utensílios, mas não como pessoas. É compreensível então, que o corpo esteja cheio de marcas de sofrimento e dor. Cicatrizes que precisam ser re-escritas com o auxílio de terapias que devolvam ao ser humano a livre circulação da energia de vida. Revitalizar é o papel do terapeuta.

Revitalizar o corpo, significa despertar a memória para as marcas que o corpo trás. Recompôr o que está fragmentado. Elaborar a imagem do corpo simbólico, onde a dor e o sofrimento são transformados em uma experiência criativa para o viver.

Por meio da terapia, acontece a “catarse”, o movimento expressivo, vivido por meio da palavra e da ação corporal, integrando o corpo em sua totalidade. Acontece o cuidado com e para o outro. O cuidado gera qualidade aos relacionamentos com os outros, permite que o outro cresça e se desenvolva.

Rasgar a couraça, permitir que a energia flua, que a respiração enfraquecida volte a se fortalecer, dar significado a dor e sofrimento, são alguns dos objetivos da terapia. Como cita Freire (2004, p.7): “O sofrimento, o adoecer, faz parte integral da vida humana. Sabemos que o ser humano consegue aceitar e suportar o sofrimento legítimo. O que de verdade não suporta é o sofrimento sem significado. É, pois, uma estrutura simbólica e o contexto que darão a significação para o sofrimento, e que levarão homens e mulheres a buscar de forma espontânea o poder criativo da autocura”.

Escutar o corpo, entender suas necessidades bio-psico-socio-espirituais, regeneram e fazem à vida pulsar dinâmica e criativamente. Como cita Berry (2003, p.25-26):

Por uma variedade de condições, que abrangem tensão muscular, elasticidade da pele, profundidade da respiração, estrutura esqueléticos ou tamanho do cérebro, nossos corpos revelam nossa experiência passada e refletem a maneira como realmente estamos nos sentindo. Independentemente da aparência que tentamos adotar para nossos corpos, não conseguimos apagar o registro personalizado e preciso que trazemos dentro deles. Se soubermos ler o “mapa” do nosso corpo (e também se prestarmos atenção aos sinais), poderemos prosseguir na estrada da vida confiantes de nossa orientação.

Reaprender a escutar e observar os sinais do corpo, ter consciência disso, com certeza contribui para melhor conhecer e compreender a si mesmo e em contra partida, conhecer e compreender outros seres humanos, e dessa compreensão surge à esperança para mudanças que refletem numa melhor qualidade de vida.

II O processo em sala de aula

2.1 - Vivências

Cada novo módulo que se inicia, faz com que o corpo inteiro tenha expectativas. Viver o corpo como instrumento de conhecimento, expressão e convivência do ser-no-mundo, bem como experimentar jogos, atividades e técnicas corporais, e vocais, que permitam a expressão de situações, sentimentos e emoções visando buscar a desinibição corporal e vocal na formação do especialista em filosofia e Arteterapia, foi o objetivo proposto na disciplina.

Descrever esse processo é apenas relatar parte do que se viveu, pois o que foi sentido e percebido naquele exato momento, não é possível descrever tão nitidamente, pois foram momentos preciosos e únicos.

² Segundo Wilhelm Reich, “couraça” é um enrijecimento crônico dos músculos que bloqueia a energia corporal (MOYSÉS & LÉLIS, 2004)

Iniciar a aula com música calma, para “desacelerar” como disse a professora Sônia, foi um momento importante para que todos se colocassem por inteiro naquele espaço, se desconectando das cargas trazidas do lugar de onde cada um veio. E foi o que realmente aconteceu. Respirar e silenciar, ouvir a música, concentrar, preparar o corpo para um momento específico para vivenciar e conhecer o próprio corpo.

Lenços, saias rodadas, música variada. Inicia-se a dança da vida. Uma experiência muito rica. Desprender-se da postura normal, cotidiana. Entrar no reino da fantasia, entrelaçada com o real, faz com que o corpo se solte, relaxe e inicie um processo de escuta e percepção. Como diz Sándor et al. (1982, p.125): “Praticamente, toda atividade que desenvolve a fantasia, a capacidade formativa e a decisão contribui para a reintegração física e psíquica”.

Na dança individual, houve um sentimento de bem estar. Percebeu-se uma grande melhora na flexibilidade. Permitiu-se aproveitar e desfrutar o momento. Os lenços contribuíram para que se sentisse leveza e liberdade. Em vários momentos surgiram imagens da dança do ventre, da sensualidade, trazendo à tona o mito das deusas. O mesmo sentimento que se teve no momento em que se formou um círculo, dançando sob a influência do arquétipo Materno. A imagem da Grande Deusa-Mãe. Como diz Xavier (2007, p.1):

O arquétipo Materno surge de diversas formas, mas sempre de uma simbologia própria, para diversos psicólogos junguianos, o arquétipo da Grande Deusa-Mãe surge por meio da história das religiões, e se estende em várias imagens arquetípicas. Nos olhares da psicologia nos relacionamos com o arquétipo Materno através da própria mãe e a avó, da madrastra e a sogra, e outras mulheres com as quais nos sentimos bem, também com a igreja, a universidade, a cidade, a floresta, a lua, o útero e outros. São todos esses e muito mais os símbolos que tratam deste arquétipo. Algumas características que esses arquétipos trazem são: a bondade, o feminino, a sabedora, a espiritualidade, o cuidado, o instinto, a fertilidade, o oculto, o obscuro, o renascimento, o sedutor, o venenoso, o pavor e o mortal.

Com certeza alguns músculos foram trabalhados e energizados, fazendo que se sentisse o sangue fluir com muito mais vigor por todo o corpo, liberando emoções, tensões, dissolvendo algumas das “courças” nas quais o corpo estava preso naquele momento. Algo novo brotou. Sentir que se é capaz de dar passos mais significativos, mudar o ritmo, dançar o momento, é revigorante. Sentir-se um pouco deusa, fez com que se valorizasse a capacidade que o corpo tem para ir em frente, arriscar, ousar.

Os lenços lembraram à leveza da dança, do véu, das alturas, um sentimento de elevação, de superação, de libertação. Segundo Chevalier & Gheerbrant (2006, p.547):

A sensação ou as imagens oníricas de leveza, que evocam a dança, um véu transparente e flutuante, a graça móvel de certos gestos, a música, tudo que é aéreo, vaporoso, ascensional, têm relação com os símbolos da elevação. Todos esses signos simbolizam uma aspiração a uma vida superior, a uma redenção da angústia já em fase de se realizar, a uma libertação que pode ser buscada ou por meio da evasão - seria uma leveza enganadora -, ou pela superação - seria a leveza verdadeira.

Com certeza é uma fase de superação, pois cada vez mais se está quebrando paradigmas, enxergando outras possibilidades de viver a vida de me conhecer cada vez mais.

Sem dúvida, cada passo, cada ritmo poderia ter sido melhor aproveitado, porém como todo ser humano em construção, ainda existem amarras a serem trabalhadas e tecidas de outra forma e, que ainda há muito do próprio corpo que precisa se descobrir e conhecer mais profundamente.

Dançar e sentir o corpo do outro, foi outra experiência importante. Tocar e ser tocada ao som da música, fez com que houvesse uma grande troca de energia, de calor, de acolhida, de encontro com o ser do outro, com suas sensações e vibrações. “Tocar é um processo energético de contato. Através do toque, a energia flui de uma pessoa para outra. É por isso que o toque de algumas mãos tem um efeito de cura” (MOYSÉS & LÉLIS, 2004, p.4).

Ser tocada com cuidado, carinho, sentindo afetividade, recarrega as energias. Da mesma forma, tocar os colegas permitiu compartilhar energia, percebê-los como seres humanos importantes. Sentir o amor e o aconchego fez com que o corpo “amolecasse” e com isso permitisse a experiência do novo, do sentir com sentido. “Segundo Eva Reich, o amor tem o poder de amolecer e dissolver as courças corporais. Através do toque, das carícias e massagens no corpo conseguimos relaxar as tensões musculares, provocando um estado de relaxamento e prazer” (MOYSÉS & LÉLIS, 2004, p.3).

Com certeza foram momentos únicos, de se sentir em outro “mundo”. É como se tivesse saído de si e conhecido outra pessoa, e esta com mais vigor e força. E falando do nome.... Foi outro momento gratificante! Nosso nome nos dá identidade, sentido de pertença, de saber que faço parte de algo importante, junto com pessoas importantes. Estar em círculo lembra a totalidade, a unidade, o transcendente, a centralidade.

“O círculo é o ponto ampliando, imagem da perfeição e do que é sem igual. O centro é o pai do círculo (Plotino). Pode-se entender isso também em relação com Deus e sua criação. Círculos concêntricos simbolizam os diversos graus do ser, as hierarquias, sobretudo do céu (...) Deduzida dele é a roda, o movimento cíclico no

seio do mundo, o recomeço, a renovação da criação, mas também o caminho para a mutabilidade terrena” (HENIZ-MOHR, 1994, p.100).

Dizer o próprio nome com força e determinação em conjunto com movimentos corporais, foi importante para a abertura para a criatividade, para perceber-se capaz de mudar conceitos enraizados, para perceber que o corpo é flexível e que precisa também ser exercitado.

Quanto aos movimentos, percebeu-se um pouco da “tigresa”, no sentido de ter força, vitalidade, de se afirmar como mulher corajosa. Pode-se relacionar tigresa com a imagem do tigre, sua simbologia tem vários sentidos, e o que mais se aproxima do que foi sentido naquele momento, é o que o tigre significa para o budismo: “Sua força simboliza ainda, no budismo, a força da fé, do esforço espiritual, atravessando a selva de pecados, que é simbolizada, por uma floresta de bambus” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2006, p. 884). Fé e esforço são o que se tem servido de impulso para seguir em frente, para romper barreiras...

Quanto aos colegas, percebeu-se que cada qual se identificou com outros símbolos. Foi muito bom perceber a riqueza de cada um, a criatividade, o desprender-se. Com certeza foi uma grande tela, uma pintura em movimento, dinâmica, em que todos sentiram-se de alguma forma parte da obra. O movimento corporal, a postura, os lenços em movimento, sem dúvida uma bela imagem.

Observou-se que vários colegas se superaram, surpreendendo a todos pela criatividade, ousadia, sensualidade, leveza e originalidade. Com certeza vários personagens foram colocados em ação. No momento de compartilhar verbalmente o que se sentiu, a grande maioria afirmou ter se sentido bem. Alguns até surpresos consigo mesmos por terem relaxado e se deixado conduzir pelo momento. Ainda assim, foi percebido o quanto ainda o corpo permanece “preso”, conservando resquícios da educação repressora e dogmática pela qual a maioria passou.

Mais um momento significativo, foi quando, enquanto se caminhava, era dado um outro nome para os colegas, fazendo uso de termos como alegria, luz, amor, iluminação, compaixão, entre outros. Palavras que reforçavam o bem-querer, o carinho pelo colega.

Em relação à postura do próprio corpo, tiveram momentos em que houve relaxamento, outros nem tanto. Dependendo da música, algumas partes do corpo foram mais exercitadas. Da cabeça aos pés, pode-se sentir o corpo. Pelo fato de já praticar exercícios físicos em academia e assim já estar cuidando da postura, estar cuidando da respiração, alongando todo o corpo, foi mais fácil fazer alguns movimentos. Logicamente, o cansaço fez com que em determinado momento, o corpo ficasse um pouco prostrado, com o ritmo mais lento. De um modo geral, conseguiu-se ir além das expectativas, embora se sabe que ainda é preciso relaxar mais. Quanto aos colegas, observou-se que muitos tinham facilidade nos movimentos, cuidavam da postura, se concentravam no movimento. Outros tiveram dificuldades tanto nos movimentos quanto em se deixarem tocar. Outros ainda demonstravam pelo olhar, a repulsa pelo toque, e outros a necessidade de ser tocado.

Alguns mantiveram uma postura rígida, quase impenetrável, não coincidindo com que os olhos demonstravam. Choro, dor, e raiva foram alguns sentimentos que afloraram, reflexos de um corpo que fala e que pede socorro.

Quanto às massagens, foram sem dúvida, importantes. Aprender técnicas diferentes, auxiliam no que se refere ao cuidado com a saúde. Ser massageada e massagear foram novamente momentos de troca de energia, um momento de revitalização.

“Um dos ganhos dos toques/massagens, segundo Lowen & Lowen é preencher “a necessidade adulta de sermos tocados de forma prazerosa, mas sem nenhuma intenção sexual, sem falar da necessidade de algo bom, feito por nós”. As mãos do massagista podem atingir áreas de tensão difíceis e, até mesmo impossíveis de ser tocadas por nós próprios, os músculos tendem a relaxar sob uma pressão direta e firme” (MOYSÉS & LÉLIS, 2004, p.4).

Massagear o corpo é realmente um presente. Cuidar de cada parte é fazer com que o todo seja revigorado, além de despertar a energia criativa presa por causa das tensões.

Por ter sido chamada para resolver assuntos técnicos, lamentavelmente não foi possível participar da massagem nos pés. Sem dúvida os pés deveriam receber mais atenção uma vez que eles nos fazem ficar firmes no chão e nos sustentam para onde quer que caminhemos. “Na planta dos pés” estão nossas raízes. O quanto cuidamos de nossas raízes será refletido em todo o “tronco” que é nosso corpo. Como diz Leloup (1998, p.32): “A tradição dos Antigos Terapeutas e dos Padres do Deserto nos diz que todos nós temos pés feridos e maltratados.(...) E temos necessidade de sermos cuidados e curados à nível de nossos pés. Porque, como nos ensina a tradição hebraica, onde o pé tem o mesmo nome usado para festa, regalo (Reguel), os pés podem ser a porta de entrada da alegria em nosso corpo”.

A massagem foi além de um tempo de parada, foi um tempo de cuidado do nosso próprio corpo e do corpo dos colegas.

Observou-se que muitos colegas relaxaram profundamente, caindo em sono profundo. Outros sentiram muitas dores, sinalizando um corpo que precisa de cuidados mais intensos.

2.2 Filme e parte teórica

O filme apresentado “Quem somos nós”, de fato nos leva a uma profunda reflexão de quem somos, e mais, de quem realmente queremos ser. Já o havia assistido, porém desta vez, novas reflexões surgiram. Com certeza mais paradigmas foram quebrados. É um filme para ser assistido, refletido várias vezes, para que tenhamos mais e mais consciência de que fazemos parte de um todo.

Muito interessante foi também a abordagem teórica sobre o Corpo e suas mudanças, pelos séculos, uma viagem pela história. Foi possível visualizar as diferentes maneiras de valorizar o corpo em determinada época.

Importante também foi conceituar o corpo em Terapia. Fomos alertados sobre a importância do cuidar do ser humano na sua integralidade, não enfatizando a doença, mas valorizando o ser que necessita de cuidados. O corpo é símbolo e traz elementos importantes para o processo terapêutico, para a cura das feridas internas.

Permitir-se ser tocado e reconhecido em suas partes mais sombrias. Desfazer ilusões, construir, descobrir desejos, arriscar caminhos desconhecidos, sentir medo, pedir ajuda. Sentir-se pequeno diante da humanidade, grande diante de sua descoberta de individualidade. Transformar e ser transformado, relacionar-se, conectar-se sem misturar-se. Ser uma gota no oceano: é oceano, mas também é gota. E de gota em gota, fazemos parte de algo maior. Mas ser gota é como ser alma: somos um todo, mas ainda assim, somos únicos (SANTOS, 2004, p.10).

Foi um módulo muito produtivo, apesar de que a carga horária é quase “suicida”, pois é muito conteúdo para pouco tempo. E o tempo não pára! E porque ele não pára, nós precisamos dar continuidade ao assunto corpo, por isso seguem as leituras e principalmente, segue a leitura de nosso corpo.

Conclusão

Corpo é vida em movimento. Amar e desejar um corpo saudável são reconhecer que esse corpo precisa ser tocado, acariciado, abraçado. Conhecer o próprio corpo, sentir e perceber suas necessidades, é entrar em contato com o que há de mais íntimo no interior. Sintomas de doença e de saúde são refletidos por todos os membros do corpo.

O corpo fala sobre muitos fatos que não se quer ouvir, nem tão pouco reconhecer que fazem parte do repertório da vida. Pela sua linguagem, ele nos mostra sinais simbólicos que nos revelam pistas e impressões sobre os desejos e intenções.

Mergulhar no que há de mais profundo no corpo humano, é um convite para o cuidado integral, para aceitar-se, compreender-se e cuidar-se, para então cuidar do outro, para que todo o entorno seja revitalizado e cuidado, pois segundo Reich “a energia que circula dentro do corpo humano é a mesma presente no cosmos” (VOLPI & VOLPI, 2004, p.1), logo se cuidamos do corpo, cuidamos do “todo”.

Cuidar do corpo envolve uma conversa interdisciplinar, uma vez que o ser humano é um ser, como já dissemos, bio-psico-socio-espiritual, muito além do paradigma cartesiano do homem-máquina. Assim diz Waldow (2004, p.38):

O ser que é cuidado, além de receber as atenções de nível terapêutico, recebe um cuidado além de técnicas e procedimentos. É um cuidado feito com compaixão, com interesse, com carinho. O ser humano, ou seja, o ser cuidado é olhado, ouvido, sentido. Por outro lado, o ser que cuida encontra caminho para a integralização de suas ações. O ser que cuida também passa a perceber que necessita cuidar de si (...) Cumpre ressaltar que o cuidado transforma ambientes, harmoniza relações, sensibiliza o humano de cada um e energiza nosso potencial para ajudar os outros a encontrarem os seus potenciais para lidar com as adversidades.

Nessa conversa interdisciplinar, a arte por meio da Arteterapia exerce um importante papel terapêutico, uma vez que pelo ato criativo o ser humano comunica o que há no seu interior e a partir disso se re-cria. Como diz Nering (2006, p.44):

No ato criativo acontece o encontro do ser humano com sua essência, com aquilo que lhe é particular e profundamente espiritual. Descobrir sua essência, descobre seu ser espiritual. Perceber-se um ser criativo é se perceber por inteiro, descobrir-se um ser humano amado por ser quem ele é. E é isto que faz da criatividade um processo terapêutico. Cérebro e coração, pensamento e sentimento, razão e intuição, atitude e aptidão são compartilhados e interligados. Criador é aquele que manifesta sua capacidade de realizações de valor, é aquele que utiliza a energia potencial espiritual para realizar transformações em si e no meio em que vive.

Como cuidamos desse corpo? Como cuidamos do corpo do outro? Como cuidamos de tudo o que nos cerca? São questionamentos que nos acompanham diariamente e que devem ser levados a sério, pois na tela da vida, vamos deixando nossas marcas.

Marcas que no “mundo de aparências”, tão divulgado pela mídia, são restauradas com aplicação do silicone, do botox, da cirurgia plástica, técnicas que melhoram a aparência, mas não revigoram o ser humano em

sua totalidade. São por vezes apenas promessas de uma boa imagem, e o corpo passa a ser tão somente um objeto.

“É aprendendo a olhar o ser humano além da sua fisiologia e anatomia, olhando-o sob o ângulo dos sentidos, do símbolo, que este pode ser auxiliado a se religar com seu ser espiritual e se compreender e ouvir o clamor de seu corpo por qualidade de vida” (NERING, 2006, p. 43).

Referências

BERRY, C. R. *Memória corporal: o que significa a dor e como massagens e terapias podem ajudar na recuperação*. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2003.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

FREIRE, M. C. *O corpo reflete o seu drama - somatodrama*. O visível e o invisível – biografia sensível de um corpo. 2004. Site: www.centroreichiano.com.br. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br/artigos.htm>> Acesso em: 31 mai. 2007.

FURLAN, R.; BOCCHI, J. C. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. In: *Estudos de Psicologia*, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, v.8, n.3, p.445-450, 2003. Disponível em: <<http://www.faculdadesãoluiz.edu.br/blackboard>> Acesso em: 29 mai. 2007.

HENIZ-MOHR, G. *Dicionário dos símbolos: imagens da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994.

LELOUP, J.-Y. *O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MOYSÉS, M. H. F.; LÉLIS, M. T. C. *Toque corporal: criatividade e vida*, 2004. Site: www.centroreichiano.com.br. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br/artigos.htm>> Acesso em 31 mai. 2007.

NERING, E. F. *Arteterapia: um fazer terapêutico para o Aconselhamento*. 2006. 53f. (Monografia de Pós-Graduação em Aconselhamento e Psicologia Pastoral) - IEPG, Escola Superior de Teologia- EST e Faculdade São Luiz – FSL, São Leopoldo, 2006.

NOÉ, S. V. (Org.). *Amar é cuidar: dez boas razões para integrar as pessoas com deficiência, valorizar a terceira idade, cultivar a saúde integral, viver uma sexualidade sadia, buscar perdão*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

SÁNDOR, P. et al. Exercícios psicotônicos. In: SÁNDOR, P. *Técnicas de relaxamento*. 4. ed. São Paulo: Vetor, 1982. p.125.

SANTOS, A. M. *Curando as feridas da alma*. 2004. Site: www.centroreichiano.com.br. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br/artigos.htm>> Acesso em: 31 mai. 2007.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. *O corpo e suas emoções*. 2004. Site: www.centroreichiano.com.br. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br/artigos.htm>> Acesso em: 07 jun. 2007.

WALDOW, V. R. *O cuidado na saúde: as relações entre o eu, o outro e o cosmos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

XAVIER, F. S. *Dança do ventre: corpo, mente e alma em movimento*, 2004. Site: www.redepsi.com.br. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/portal>> Acesso em: 29 mai. 2007.

2 - TRABALHO CORPORAL COMO POTENCIALIZADOR DO PROCESSO CRIATIVO E ARTETERAPÊUTICO³

*Estela de Almeida Costa⁴
Tatiana Fecchio Gonçalves⁵*

Resumo: O trabalho corporal como potencializador do processo criativo e arteterapêutico, visa à coligação das vivências corporais ao registro plástico, os quais constituirão instrumentos de análise do Arteterapeuta, juntamente com o cliente.

Palavras-chave: Arteterapia; Corpo; Criatividade.

The body work as the amplifier of the creative and art therapeutic process

Abstract: The body work as the amplifier of the creative and art therapeutic process seeks to link the body experiences with the plastic registry which will constitute the analysis instruments of the art therapist with the client.

Key words: Art Therapy; Body; Creativity.

El trabajo de cuerpo como amplificador del proceso creativo y arte-terapéutico

Resumen: El trabajo de cuerpo como amplificador del proceso creativo y arteterapêutico procura unir las experiencias de cuerpo con el registro plástico que constituirán los instrumentos de análisis para el arteterapeuta junto con el cliente.

Palabras clave: Arteterapia; Cuerpo; Creatividad.

O trabalho aqui descrito foi realizado com crianças de 6 a 11 anos no NAECA (Núcleo Assistencial da Criança e do Adolescente): instituição sem fins lucrativos, situada no Distrito de Souza, Campinas, SP.

Na aplicação do trabalho foi obedecida uma rotina que consistia basicamente de:

- Acolhimento (roda de conversa, onde as crianças falavam livremente)
- Aquecimento corporal (exercícios de alongamento, com o objetivo de preparar o corpo e evitar lesões)
- Atividade corporal (relaxamento, exercícios em dupla, priorizando o toque entre as crianças ou dança espontânea)
- Atividade plástica (desenho ou escultura em argila)
- Fechamento (roda de conversa, reflexões sobre o encontro)

A partir dos conceitos de Jung sobre a imaginação, inconsciente, arquétipo, *Self* e símbolo é possível entender como a psicologia analítica compreende um sintoma, ou seja, Jung consegue relacionar acontecimentos ao longo de nossa vida com os problemas físicos e psíquicos que surgem sem causa aparente. Desde a vida intra-uterina até a velhice acumulamos registros, bons ou ruins, que com o tempo podem ser internalizados de diferentes formas, ora através de relatos mais conscientes e contextualizados, ora na somatização destas questões no próprio corpo. Partindo desses conceitos de Jung & Corpo (2005), pode-se dizer que somos uma

³ Trabalho de Conclusão de Curso de especialização em Arteterapia apresentado à Universidade São Marcos Campus Paulínia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Arteterapia, sob orientação de Tatiana Fecchio Gonçalves.

⁴ Estela de Almeida Costa – Arte Educadora pelo Centro Universitário de Belas Artes em São Paulo, Pós Graduação em Arteterapia pela Universidade São Marcos, Campus Paulínia; Cursos livres: Ballet Clássico, Dança Contemporânea, Expressão Corporal para portadores ou não de necessidades especiais e Formação Teatral pelo Teatro escola Macunaíma em São Paulo, Professora de Artes do Município de Monte Mor. Endereço: R. Mário de Angelis, 151, casa 06, Parque da Represa, Paulínia SP Telefones: 19 3884-5597 / 8125-0102. E-mail: estelinhacosta@hotmail.com

⁵ Tatiana Fecchio Gonçalves - Arte Educadora, Mestre e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes, na Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, Instituto de Artes, Arteterapeuta pela Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, filiada à AATESP sob inscrição n.058/1105, Coordenadora e docente do curso de Especialização em Arteterapia da Universidade São Marcos, Campus Paulínia e São Paulo, membro do grupo de estudo Desenvolvimento, linguagem e práticas educativas – UNICAMP.

unidade Mente-Corpo, embora possa haver uma dissociação dessa relação o que geraria situações de desequilíbrio entre mente e o corpo.

Jung (2007) fala também do processo de Individuação, desenvolvimento psíquico que ocorre durante toda a vida neste sentido o sintoma pode ser compreendido como um sinalizador que aponta para alguma dinâmica negligenciada neste processo.

Para Jung (2007) a psique é composta por inconsciente e consciente e existe um centro ordenador de todo o nosso funcionamento, que foi por ele denominado de *Self*. Vale aqui destacar o conceito de símbolo, que dentro da teoria analítica vai ser uma possibilidade de ligação ou de comunicação entre o consciente e o inconsciente, continente de elementos polissêmicos que permitem diversos desdobramentos.

Símbolo - designa um elemento representativo que está em lugar de algo (invisível) que tanto pode ser um objeto como um conceito ou ideia, determinada quantidade ou qualidade. O "símbolo" fornece uma ponte entre os conteúdos inconscientes e a consciência. Ele serve de mediador, como diz Jung (2007, p.71) "um símbolo não traz explicações; impulsiona para além de si mesmo na direção de um sentido ainda distante, inapreensível, obscuramente pressentido e que nenhuma palavra de língua falada poderia exprimir de maneira satisfatória".

No início do processo realizado, durante esta pesquisa, pudemos observar em atividades diferenciadas, a presença recorrente do círculo nos registros plásticos realizados posteriormente às vivências. Uma exploração mais detalhada deste elemento pode nos revelar possibilidades de investigação em relação à reação deste grupo:

Mandala - significa círculo e na Índia também quer dizer "centro do mundo". Para Jung & Corpo (2005), formas sugestivas de mandalas podem configurar o processo de integração dos opostos e simbolizar o *Self* ou o centro da personalidade.



Fig. 1 - Desenho realizado após a vivência, a criança se colocou dentro do círculo.

A partir desta observação, propusemos algumas vivências em que sugeriam formas circulares.

Em uma das vivências propusemos que as crianças formassem uma roda; uma delas, com um lenço na mão, dirigia-se ao centro e dançava livremente até passar o lenço para outra criança, que, por sua vez, seguia para o centro da roda agindo da maneira que quisesse. Esta dinâmica foi bem livre e espontânea, respeitando a singularidade de cada um até que todos tivessem passado pelo centro da roda.

Ao trabalhar com o corpo, parte-se sempre de um recurso, um estímulo, que pode ser musical ou uma situação proposta verbalmente. O corpo quando é instigado é capaz de trazer a tona movimentos que transmitem inúmeros questionamentos ou inquietações internas.

Em outro encontro realizamos um trabalho de relaxamento com as crianças. Com base em outras experiências por mim (autora principal) lidas e vividas em diversos cursos durante a minha formação, fizemos um relaxamento em duplas, sendo que uma criança ficava deitada e a outra realizava o relaxamento. É importante ressaltar aqui que, tanto para quem realiza quanto para quem recebe, o relaxamento é muito significativo, pois o tocar e o conhecer o corpo de outra pessoa propicia um estado relaxante, intenso e prazeroso. As crianças fizeram movimentos bem suaves no parceiro, começando pela cabeça, sem nunca perder o contato físico, em seguida descendo até os pés, passando por todas as partes do corpo. Foi muito rica essa experiência para as crianças que eram sempre muito agitadas. Com o relaxamento todos ficaram muito tranquilos. Após as duplas

inverterem e todos vivenciarem o relaxamento, forneci argila e deixei que modelassem livremente. Novamente formas arredondadas apareceram.



Fig. 2 - Após a experiência com a argila depois do relaxamento, segundo a criança é “um ninho”

Após as vivências, no geral, os desenhos remetiam a um sentimento de liberdade: o círculo não estava mais presente. Em seu lugar, formas que sugeriam pessoas felizes, dançando ou mesmo voando. No fechamento, os depoimentos das crianças reforçavam o sentimento de liberdade sugerido nos desenhos.



Fig. 3 - Desenho da criança após a vivencia com o lenço, o depoimento da criança é que era ela voando, livre.

Quando se trata de terapia, o corpo será um elemento de comunicação e expressão através do qual produziremos trabalhos, mas também expressaremos, sem palavras, em movimentos, gestos e atitudes. Assim, a observação atenta do corpo é um elemento importante ao Arteterapeuta.

No nosso corpo estão as marcas dos anos vividos, de como vivemos e se em nossa memória estas marcas podem ser esquecidas muitas vezes sobrevive na memória corporal. O corpo em movimento é a existência do ser humano, é o ser seu corpo.

Arcuri (2004; 2006) apresenta, em seus livros, diversas experiências e o quanto é importante olhar para o corpo, perceber os sinais que ele fornece. Esta falta de comunicação pode gerar como que “travas”, doenças, nos indicando que de fato existe uma relação entre corpo e mente, que há materializado no corpo o resultado de uma relação entre o corpo físico e conteúdos psíquicos os quais fundamentam a psicossomática. A doença pode ser considerada, neste sentido, como um estado do ser humano que aponta a questão da consciência.

Muitas vezes se dedica mais atenção ao sintoma do que à causa, ou seja, não se procura o motivo, mas trata-se do sintoma, muitas vezes de forma medicamentosa. Se alguns problemas de ordem fisiológica podem de fato ser resolvidos com medicamentos, em outros as medicações não trarão resultados duradouros se as causas estiverem sendo geradas em outros campos que não o fisiológico e se, assim, não forem abordadas as questões psicológicas envolvidas.

Através de técnicas corporais, juntamente com as técnicas das artes plásticas dentro de uma abordagem integrada propiciada pela Arteterapia, conseguimos descobrir muitas coisas e revelar diversos conteúdos nos

aproximando de uma real situação de cura. Seja a cura aqui entendida não como a atenção a padrões de normalidade, mas ao estado de bem estar deste sujeito em relação as suas condições dentro de um determinado contexto.

A Arteterapia

A Arteterapia propõe atividades plásticas dirigidas com o objetivo de auxiliar na manifestação de conteúdos internos. A partir de uma atividade de relaxamento, da exposição de um filme, um texto, uma música, a explanação de um mito ou outros estímulos propostos elencados pelo arteterapeuta como significativos àquele grupo ou sujeito, este sugere uma atividade de expressão plástica como, desenho, pintura, escultura ou a que se revele mais adequada ao momento. Tanto o processo como o produto resultante dessa atividade, podem ser reveladores de conteúdos internos significativos. A partir de então, o arteterapeuta conduz o trabalho da maneira mais indicada de encontro a encontro.

A Arteterapia tem como característica a realização de um trabalho concreto, intermediado materialmente, continente de conteúdos internos exteriorizados, tornando-os mais permanentes e, com isto, passíveis de observação. Para isso são utilizados os recursos plásticos, como pintura, desenho e escultura.

O Trabalho Corporal

Diferentemente acontece no movimento ou no trabalho corporal. Neste, as dinâmicas internas são vivenciadas no movimento exteriorizado, o “aqui-e-agora” no trabalho corporal é muito importante, sendo a própria experiência vivida, no momento da realização do movimento, fornecedora dos conteúdos internos do cliente.

Pudemos observar que, para algumas pessoas, era mais fácil externalizar tais conteúdos através de uma vivência corporal, como um relaxamento ou a dança espontânea. O trabalho corporal, neste sentido, servindo como potencializador do processo criativo utilizando-se da expressão corporal como um recurso expressivo.

Assim, agregando à abordagem arteterapêutica, a partir de situações propostas, a experiência corporal propiciadora também da exteriorização de conteúdos internos, sem o uso da expressão verbal. Desta forma há uma complementaridade proporcionada pelo encontro desses dois recursos: A Arteterapia e o Corpo.

O Trabalho corporal consiste não só no movimento, mas também no relaxamento, no toque, na consciência do corpo físico, que pode ser experimentada tanto pela pessoa que está sendo tocada, como também pela pessoa que está aplicando o relaxamento. Arcuri (2006) dirá neste sentido que o relaxamento possibilita uma expansão da consciência. Como a finalidade é gerar uma situação intensa de interiorização a ponto de permitir que se possa propiciar o contato com o inconsciente, ou simplesmente relaxar, fica a critério do arteterapeuta conduzir o relaxamento, ou deixar que espontaneamente surja uma “nova técnica”.

Ao término dos encontros, mesmo em um período curto, foram cinco encontros, pudemos perceber a importância da Arteterapia aplicada juntamente com as técnicas corporais, uma complementando a outra. A utilização das vivências iniciais com o corpo revelaram, por exemplo, a existência do elemento circular, de integração e potencial figura da individuação definida por Jung (2007), que pôde ser retrabalhado nos encontros seguintes. Nos desenhos muitos conteúdos particulares também apareceram podendo ser compartilhados com todo o grupo ou com o arteterapeuta presente. Caso a revelação dos conteúdos não fique em primeiro plano já está no simples prazer em realizar tais atividades corporais uma justificativa para a utilização destes recursos dentro deste espaço.

É cada vez mais crescente a busca do ser humano pelo seu equilíbrio, pelo viver bem e em harmonia com o meio, algo que pode ser facilmente alcançado com ferramentas facilitadoras, sejam elas plásticas ou corporais, proporcionando qualidade de vida e bem estar. Este trabalho não termina, mas começa aqui. Espera-se que ele represente uma semente, ainda que pequena, de uma prática que harmoniza corpo e mente, não só como uma atividade terapêutica, mas como um caminho na busca do ser completo.

Bibliografia

ARCURI, I. G. *Arteterapia e o corpo secreto: técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal*. São Paulo: Vetor, 2006.

_____. *Arteterapia de Corpo e Alma*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

JUNG, C. G. *Vida e obra*. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

JUNG & CORPO, Revista do curso de psicoterapia de orientação junguiana coligada a técnicas corporais, São Paulo: JK Gráfica e Editora, Ano IV, nº 4 -2004.

JUNG & CORPO, Revista do curso de psicoterapia de orientação junguiana coligada a técnicas corporais, São Paulo: JK Gráfica e Editora, Ano V, nº 5 -2005.

RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

3 - “MALABARISTAS DE SUEÑOS”: ECOS DE UNA EXPERIENCIA GRUPAL

Cecilia Torres Garibaldi⁶

Resumen: Intento esbozar, desde mi lugar de co-coordinadora de un grupo de Psicodrama, las resonancias de una clase vivencial y teórica, dentro de los devenires de un proceso de formación.

Palabras clave: Juego; Psicodrama; Códigos Expresivos; Grupo.

“Acrobatas de sonhos: ecos de uma experiência grupal”

Resumo: Intento esboçar, no meu lugar de co-coordenadora de um grupo de Psicodrama, as ressonâncias de uma aula vivencial e teórica, dentro de um processo de formação.

Palavras-chave: Jogo; Psicodrama; Códigos Expressivos; Grupo.

“Acrobats of dreams: echos from a group experience”

Abstract: I intend to sketch, of my place like CO- coordinator of a Psychodrama’s group, the resonances of a group vivencial and theoretician, inside the happen of a formation process.

Key words: Play; Psicodrama; Expressive Codes; Group.

El grupo, de constitución heterogénea en edades, género y procedencias, se reúne durante tres horas, una vez por semana, en una institución dedicada a la investigación y formación desde la corporalidad, el psicoanálisis y la producción de poéticas como camino de cura.

El coordinador a cargo del Seminario se ha ausentado por varios encuentros, dado su compromiso, en diversas ocasiones al año, de dar talleres y cursos en el exterior. Esta es una de ellas.

Es mayo de 2006 y estamos transitando un eje temático que a comienzos de año se constituyó en demanda del grupo al planificar los temas a abordar: el juego y Psicodrama.

En mi condición de única coordinadora presente en la clase, sugiero que nos introduzcamos en el tema proponiendo una experiencia de “Trabajo en Lugares Simultáneos”, modalidad creada por Buchbinder (1993).

Comenzamos la experiencia deambulando por el espacio, dejando “en barbecho” sus cuerpos, demorándolos en vagabundeos sin tiempo, entregados a y acompañados por la vibratibilidad de la música, que, como un volcán en erupción, va fundando otros climas.

Entonces, acerco al espacio escénico una serie de objetos que buscan detonar nuevas configuraciones en el grupo. Transformación del espacio que invita a viajar, como en una alfombra mágica, por los diversos estares y dimensiones de los paisajes interiores de cada una/o. Así, cada rincón del salón se va conformando en un ámbito de juego y enunciación específico, usando elementos heterogéneos a través de una diversidad de códigos expresivos: instrumentos de percusión, temperas, pinceles y cartulinas, telas, disfraces y máscaras, crealinas, papeles y lápices. Amplia libertad para transitar sin tiempo por cada “escenario” o “paisaje”.

Entonces, las fuerzas, como islotes, se van concatenando, algo informe que se percibe en el aire y en el clima introspectivo de cada participante, que comienza a rodar sin rumbo fijo, se va construyendo en cada pasaje de manos o de cuerpos, transformándose, como en una sucesión de infinitos efectos de trucos de magos y magas, en nuevos artificios.

En una cadencia particular, al rato comienzan a aparecer hojas manuscritas, esculturas, singulares composiciones en láminas coloridas, sonidos enlazados unos con otros, personajes con máscaras, juegos escénicos con telas, aros, pelotas. La intensidad y duración de la experiencia deja un breve momento para los comentarios, que se prolongan largamente en el siguiente encuentro, para el que se había pedido que leyeran un material bibliográfico del mismo autor referido a esta experiencia: “Reportaje a trabajo en lugares simultáneos” del mismo texto. Y también, si lo deseaban, resonar metafóricamente con él a través de alguna recreación libre, usando las herramientas que quisieran, con la intención de “romper” la organicidad propia del texto, de

⁶ Licenciada en Psicología de la Universidad de Buenos Aires. Docente de la cátedra de Teoría y Técnica de Grupos de la Facultad de Psicología de la misma universidad (UBA). Psicodramatista. Docente del Instituto de la Máscara de Buenos Aires. Terapeuta corporal. Profesora de Expresión Corporal. Docente en la Primera Escuela Argentina de Arteterapia.

devorárselo y asociarlo con sus saberes previos, para así sustraerse de una modalidad instituida de “texto-verdad”, en la que los lectores/alumnos suelen/solemos quedar enchalecados en el lugar de meros descifradores de “el sentido” de un texto y reducidos a una empobrecedora repetición.

Un subgrupo decide tomar como disparador la idea de la “caja negra” usada por los comunicólogos (y mencionada en el texto) para montar una “instalación” peculiar, en la que comienzan a emerger gestos, sonidos, personajes mezclados con los dibujos, esculturas, máscaras y textos producidos en la experiencia de TLS...

Un personaje, “la maga”, invita a introducirse en la “caja” a quien lo desee. Los compañeros, en un ir, van entregándose en un interminable suceder de escenas con inquietantes títeres o bizarros personajes inéditos. Equipamiento colectivo de enunciación. Gestación de nuevos versos. Los poros de mi piel de coordinadora se dilatan para verlos y escucharlos y siento que ya no me necesitan, están improvisando y creando desde lo que vivieron y leyeron, la máquina imaginante ya se ha echado a andar prescindiendo de tutoría alguna. Hace acto la letra del texto a través de sus cuerpos, en cada gesto, en cada juego escénico. Se han agenciado de las ideas del autor, las están deconstruyendo en mil fragmentos y dándolas a luz nuevamente de in imaginadas maneras. Me enseñan sus signos inventados. Se han adueñado de los conceptos, del espacio y del tiempo y están creando sus propias versiones del mundo. Y tengo el privilegio de poder ver este alumbramiento desde una distancia que me permite vibrar con el latido de cada contracción.

En un momento, se produce una detención. Aplausos. Le propongo a todo el grupo resonar con lo vivido a través de la palabra, en una ronda de comentarios, o con los cuerpos. Eligen la segunda opción.

Durante las escenas improvisadas, alguien había hablado del circo. Tomo esa idea y con los músicos de Le Cirque du Soleil y luego unas telas que son dejadas en el centro del salón, se zambullen nuevamente en el espacio escénico. Yuxtaposiciones, aquelarre de emociones, afectaciones, sonidos, gestos, pinceladas en el aire, intensidades que se juegan como átomos que giran y se chocan unos con otros, potenciándose en inesperados encuentros y distancias, en otros tiempos y geografías.

Calidades de movimiento en carrusel onírico, luces y sombras, reflejos en el agua de infinitas imágenes, roces de pieles, los sonidos y gesticulaciones nos envuelven misteriosamente, no sabemos hacia dónde vamos, solo que están viéndose, oliéndose escuchándose y sintiéndose intensamente, encontrándose y desencontrándose en una infinita celebración.

Los juegos escénicos como espacios de cumplimiento de sueños escondidos y celosamente guardados en el cajón de lo prohibido, y que hoy se agitan y revelan, pasando a ser protagonistas centrales de este encuentro.

Nuevas constelaciones de estrellas, instalación de otras lógicas, cambios de lugares, gestos y posiciones, aperturas a melodías desconocidas pulsadas por una orquesta de músicos en vibrátiles flúires, agudos - graves en conjunciones sorprendidas, torrentes de estertores de vida.

Las ilusiones del grupo se encienden y motorizan los nuevos mitos que le dan sostén.

Alumbramiento de nuevas historias, cercanía con lo dormido, perdido y silenciado de cada uno. Se reteje una trama de hilos interrumpidos, se arman nuevos lazos, las partículas retoman el movimiento en multiplicidad de giros, vibraciones y contactos, y se arma potencia subjetivante que trasciende lo imaginado

Emergen en mi mente paradigmas, teorías y técnicas aprendidas: lo preescénico y el libre “juego escénico” de Buchbinder (1993), la “otra escena” de Maci, lo “semiótico” de Kristeva, el flujo de intensidades de Deleuze, lo molar y lo molecular de Kesselman-Pavlovsky (año???) , el lugar de la coordinación en el tercer momento epistémico de Fernandez, Guattari y el amigo intercesor, pero ahora todo eso se esfuma y, entregándome casi sin resistencias, me dejo afectar por lo que acontece, palpitando, atravesada por la poesía y la belleza que emerge.

Luego de la tormenta de temblores y desmesuras, momento del compartir latires, rememoración de lo vivido, esbozo de elaboración de esas emociones encontradas sola/o y con otras/os, intento de pasaje a una reestructuración, confrontando desde la palabra con eso, extraño o no, descubierto en cada una/o. Construcción de un espacio conciente para intentar alojar ese conglomerado de pasiones y, al deletrearles un nombre, reconocerlas, buscándoles algunos sentidos.

Desde el lugar de coordinadora, busco intentar despojarme de exigencias, dejarme acompañar cercanamente por el **no saber**, cediendo el espacio a los garabateos verbales de cada uno de los miembros del grupo, y mi “tartamudear”. Las veces que lo puedo lograr, como en esta ocasión, siento la percepción de que algo va cambiando en las energías, en nuestros gestos congelados y en las miradas sobre nosotros mismos, para ir aflorando en el clima grupal un estar desde la ternura, gestándose movimientos que abren a nuevas preguntas y que iluminan nuevos senderos, que tal vez puedan ofrecer a lo privado de metáfora otro lugar y otros sentidos, quizá más amables.

Digresión

En el TLS creado por Buchbinder (1993), al igual que la multiplicación dramática propuesta por Kesselman-Pavlovsky, el/la coordinador/a, luego de marcar el encuadre, parece pasar a jugar, en los momentos más álgidos de la experiencia, casi un rol de **fondo** más que de **figura**, favoreciendo que este último sea asumido por el grupo y su producción. Piperno plantea la *complementariedad fálica* respecto de la coordinación: a mayor lugar de *figura* del coordinador, mayor lugar de *fondo* del grupo; a mayor lugar de *fondo* del coordinador, mayor lugar de *figura* del grupo. En realidad, el/la coordinador/a va basculando entre estos y otros lugares, recibiendo y resonando con, intuyendo nuevas oportunidades para sugerir y estimular la provocación de nuevos desplazamientos y flujos de intensidades, puntuando algunas rarezas o insistencias.

Sin embargo, me queda picando una pregunta:

Como coordinadores/as grupales ¿es posible inventar nuevas modalidades, además de las ya conocidas, para que el grupo como encrucijada de fuerzas pueda, sin puerto de llegada ni de partida, atravesar por los ciegos tanteos desde la oscuridad de la incertidumbre y lograr eventuales encuentros con lo que tal vez abra, como una caja de Pandora, a otras respiraciones, emergiendo y percibiéndose así como *figura*, para entonces adueñarse de sus propias historias?

Bibliografía

BUCHBINDER, M. *Poética del desenmascaramiento*: caminos de la cura. Buenos Aires: Planeta, 1993.

4 - A PRODUÇÃO DE IMAGENS COMO TÉCNICA AUXILIAR À TERAPIA DE MOMENTOS DE TRANSIÇÃO, COMO LUTO, PERDAS E PROXIMIDADE DA MORTE – RELATO DE UM CASO

*Vanessa Coutinho*⁷

Resumo: O presente artigo visa demonstrar, através do relato de um caso real, como a utilização de técnicas expressivas pode ser um importante veículo para a emergência de conteúdos inconscientes, e o quanto pode favorecer a psicoterapia de acompanhamento de momentos decisivos de transição.

Palavras-chave: Produção de Imagens; Arteterapia; Terceira Idade; Períodos de Desenvolvimento Transicional.

The productions of images as auxiliary technique for the therapy of moments of transitions, as mourning, losses and proximity of the death - relating of a case

Abstract: This article intends to demonstrate, through a real case report, as the use of expressive techniques can be important to the emergency of unconscious contents and how much it can favor the psychotherapy of moments of transition.

Key words: Images Production; Art Therapy; Third Age; Development Transicional Periods.

La creación de imágenes como técnica auxiliar a la terapia de momentos de transición, como luto, pérdidas y proximidad de la muerte - relato de un caso

Resumen: Este artículo pretende demostrar, a través del relato de un caso real, como el uso de las técnicas expresivas puede ser importante para la emergencia de contenidos inconscientes, como puede favorecer la psicoterapia en momentos de transición.

Palabras clave: Producción de Imágenes; Arteterapia; Tercera Edad; Períodos del Desarrollo de Transición.

Quando conheci Dora (nome fictício), eu era uma psicóloga recém-formada, em busca de um lugar no mercado de trabalho, não apenas em termos de oportunidade financeira, mas, principalmente, como oportunidade de experimentar e descobrir uma forma prazerosa de exercer meu ofício. Com a coragem típica dos jovens, entrei em contato com a diretora de um abrigo para idosos, cujo número descobri no catálogo telefônico. Marquei uma entrevista, expus meu projeto e, no dia seguinte, soube que fora aceita na instituição, recebendo o dobro do valor que eu havia proposto (e, na verdade, não era mesmo uma grande quantia...).

Três vezes por semana eu ia ao abrigo. Na sutileza das trocas, aprendia muito. Certo dia, ouvi de uma das internas que ela gostava de perceber que eu me arrumava para ir vê-los: usava batom, roupas bonitas, sapatos altos. Segundo ela, isso lhes fazia bem, lhes deixava alegres, valorizados, uma vez que a maioria das outras profissionais trocava de roupa para o atendimento e passava o dia circulando pela casa de chinelo e jaleco (muitos anos mais tarde, ouvi discurso semelhante de um grupo de mães de crianças portadoras de necessidades especiais). Compreendo que, devido à natureza de certos trabalhos, alguns profissionais preferiram estar mais à vontade durante o processo, mas é importante que tenhamos clareza do poder da comunicação não-verbal, e do quanto ela pode ser mais intensa do que as palavras. Nossa imagem, ao nos apresentarmos diante do outro, pode estar carregada muito mais da forma como o vemos do que da forma como acreditamos que ele nos veja.

Em uma ocasião, fui avisada de que tínhamos uma interna recém-chegada. Dora vivia em outro abrigo a alguns anos, mas, devido a uma insatisfação por parte dos responsáveis por ela (aos 93 anos, era viúva, sem filhos ou parentes próximos, e respondiam por ela os integrantes de uma sociedade filantrópica da qual seu marido fizera parte), foi transferida para nossa instituição.

Ao chegar ao quarto, vi uma mulher sentada sobre a cama, com as pernas estendidas e cobertas por um fino lençol cor de rosa. Os cabelos brancos, bem longos, estavam presos em duas tranças, e pareciam muito brilhantes por causa da luz do sol que entrava pela janela. Jamais pude esquecer o impacto daquela visão e a força que aquela mulher conseguia transmitir, a despeito de sua enfermidade. Dora parecia um ser mítico, uma sábia anciã dos antigos contos de fadas. Puxei para o lado da cama um pequeno banco, sobre o qual sentei.

⁷ Mestranda em Psicopedagogia Clínica - Universidade de Leon – Espanha. Especialista em Psicomotricidade. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Arteterapeuta. Psicóloga CRP 05/22161. Professora dos cursos de pós-graduação do Projeto A Vez do Mestre – UCAM. Autora do livro "Arteterapia com crianças" - WAK Editora

Apresentei-me e, em pouco tempo, Dora, com sua voz suave, começou a contar histórias e fatos de sua vida que, pelo que pude perceber, fora de intensa felicidade ao lado do marido. Por orientação médica, sabíamos que ela não podia ser levada até o salão onde realizávamos as reuniões. Por causa disso, eu sempre ia vê-la em seu quarto. Logo construímos um vínculo bastante positivo, e as enfermeiras, mal me viam chegar, vinham dizer que Dora havia perguntado por mim.

Muitas vezes estive com Dora. Muitas vezes ela contou suas histórias, sempre as mesmas poucas histórias, as que estavam mais acessíveis em sua memória. Mesmo em minha inexperiência, tentava imaginar uma forma de estimular, ampliar aquele círculo de lembranças, dar-lhe mais imagens às quais pudesse ter acesso, uma vez que falar da vida bem vivida lhe fazia tão bem. E agora, escrevendo sobre Dora, recordo do dia em que vi um cantor sobre o palco anunciar ao público a morte de um famoso escritor. O cantor comunicou o falecimento, dizendo que havia acabado de morrer um homem que vivera muito bem sua vida, amara, viajara, produzira, realizara. Por isso, não havia o que lamentar, havia apenas a saudade que deixaria, e isso é natural aos que souberam se fazer amar. A morte é uma parte da existência, e devemos nos preocupar em viver da forma mais plena e honesta., sobretudo conosco. Assim ocorreu com Dora, serena aos 93 anos, por ter tido a sabedoria de usar seus dias para escrever belamente sua história.

Ainda sem o conhecimento adquirido anos depois, com a formação em Arteterapia, mas já com a certeza de que podemos nos valer de outras formas de comunicação que não apenas a palavra, passei a levar para Dora papel e giz de cera, material ao qual não se adaptou muito bem, por dificuldade em manipulá-lo. Experimentei a tinta para pintura a dedo, e com este material ela começou a produzir imagens. Pintou uma forma comprida, que ia de um lado a outro da folha. Pedi que falasse a respeito do trabalho, e Dora passou a observá-lo com atenção. Ao fim de alguns minutos, falou: “é um trem...”, e não disse mais nada.

Dois dias depois, fui vê-la novamente. Dora produziu uma imagem semelhante à anterior. Antes que eu perguntasse, declarou:

- Isto é um trem.

E contou a respeito de uma viagem em companhia do marido e de um casal de amigos, de maneira tranqüila e satisfeita. Esta história ainda não havia aparecido, e Dora parecia feliz ao falar dela, em uma situação facilitada pela possibilidade da materialização de uma imagem.

Mais tarde, este trem retornou, simbolizando outra fundamental viagem, que sabíamos que se aproximava... A morte não é um tema fácil para ninguém, embora uma realidade para quaisquer seres vivos. Dora, enferma aos 93 anos, vislumbrava a chegada desse momento, e eu percebia minha função de terapeuta basicamente ligada a ser acompanhante na preparação para essa *passagem*.

Ela possuía uma filosofia e uma crença espiritual a partir das quais acreditava que, após a morte, seu espírito encontraria espíritos afins e, naturalmente, esperava estar novamente com seu marido. Portanto, Dora não demonstrava nenhuma ansiedade e, a partir da utilização das técnicas plásticas como forma de acesso à imagens já perdidas para sua mente consciente, pudemos tornar seus dias mais plenos, mantendo a serenidade e o equilíbrio necessários para a vivências daquela fase de sua vida.

5 - HÁ *MUNDUS IMAGINALIS* NA RELAÇÃO ANALÍTICA?

Maria Cristina Urrutigaray *

Resumo: O presente artigo dirige-se à temática da Relação Analítica, e tem como foco as imagens das emoções produzidas em função do encontro entre analista e analisando, como origem de um espaço para a recepção do mundo do imaginário. Segundo a Psicologia Analítica, ao contrário da teoria Psicanalítica, a transferência de conteúdos infantis para o analista é um elemento importante na condução da análise de seu cliente. Assim também é relevante ao processo analítico a tomada de consciência do terapeuta das emoções projetadas pelos conteúdos do paciente, conhecida como contratransferência. Afirma-se ser a prática da psicoterapia uma experiência de arte, na medida em que é um agir efetuado através de interações afetivas capazes de gerar novos meios para a organização das experiências subjetivas do cliente. Assim sendo, incorporam-se a este trabalho às vivências dos sentimentos expressos no *setting* como meios auxiliares plásticos e flexíveis à contenção da manifestação do imaginário. Deste modo considera-se a expressão imagética dos afetos das figurações projetadas por e na relação, como precedentes à verbalização dos seus sentimentos ocultos. E, como tais favorecedores da concretização dos afetos secretos, as imagens criadas pela interação também auxiliam na compreensão dos estados internos e do movimento da energia psicológica do paciente.

Palavras-chave: Relação Analítica; Imaginário; Transferência; Contratransferência; Espiritualidade; Arteterapia.

Is there *imaginalis mundus* in Analytic Relation?

Abstract: The present article addresses the thematic of the Analytic Relation, and its focus the emotions images produced in function from the encounter between analyst and analyzing, like origin of a space for the world reception of the imaginary. According to analytic Psychology, on the other side of the Psychoanalytical theory, the infantile contents transferred to the analyst are an important element in the analysis conduction of his client. Likewise it is also important to the analytic process therapist's conscience of the emotions outlet projected by the patient's contents, well known like against transfer. It says the psychotherapy practice is an art experience, it is an act made through affective interactions able to generate new ways for the client subjective experiences organization. That being the case, it is incorporated to this work the vivacious of the expressed feeling in *setting* like plastics and flexible auxiliary ways to the manifestation imaginary contention. Thus it considers the expression imagistic of the figurations affections projected for and in the relation, like preceding to talk of their hidden feeling. And, as the favors of the secret affections materialization, the images made by the interaction also assist in the internal state comprehension and the patient's psychological energy action.

Key words: Analytic Relation; Imaginary; Transfer; Against transfer; Spirituality; Art therapy.

¿Hay *mundus imaginalis* en la Relación Analítica?

Resumen: El actual artículo trabaja con el tema de la Relación Analítica, y tiene como el enfoque las imágenes de las emociones producidas en la función del encuentro entre analista y analizando, como el origen de un espacio para la recepción del mundo del imaginario. De acuerdo con la Psicología Analítica, diferente de la teoría Psicoanalítica, la transferencia de contenidos infantiles para el analista es un elemento importante en la conducción del análisis de su cliente. Igual es relevante al proceso analítico la tomada de consciencia del terapeuta de las emociones proyectadas por los contenidos del paciente, conocido como la contra transferencia. Se garantiza ser la práctica de la psicoterapia una experiencia de arte, en la medida en que eso es una acción hecha a través de las interacciones afectuosas capaces de generar los nuevos medios para la organización de las experiencias imaginarias del cliente. Siendo así, los incluyen a este trabajo vivencias de los sentimientos expresados en el espacio terapéutico como los medios auxiliares plásticos y flexibles para el argumento de la manifestación del imaginario. De esta manera es considerada la expresión de las imágenes de los afectos de las figuras proyectadas por y en la relación, como los precedentes a la verberación de sus sentimientos ocultos. Y,

* Psicóloga Analista Junguiana pelo Instituto Junguiano do Rio de Janeiro, Membro da AJB e IAAP. Mestre em Psicopedagogia pela Universidade de Havana; professora da Pós-graduação em Psicologia Analítica do IBMR/IJRJ; Arteterapeuta; professora da UCAM de cursos de pós-graduação; da UNESA na disciplina Terapia Junguiana, e supervisora de atendimento clínico de acadêmicos em Psicologia, em Psicoterapia Junguiana e Arteterapia.

como tales favorecedores de la materialización de los afectos confidentiales, las imágenes creadas por la interacción también ayudan en el conocimiento de los estados internos y del movimiento de la energía psicológica del paciente.

Palabras clave: Relación Analítica; Imaginario; Transferencia; Contra transferencia; Espiritualidad; Arteterapia.

A escolha pelo tema do Encontro Pessoal na situação de análise tem como objetivo o interesse de determinar nas projeções surgidas na relação terapêutica o envolvimento das imagens arquetípicas, segundo a visão da Psicologia Analítica de C. G. Jung. Para tanto, consideram-se tanto as figurações determinadas pelas interações analista – analisando, quanto às projetadas em produções através do uso de técnicas expressivas. A questão que se apresenta está na formulação de se na prática da psicoterapia podemos estabelecer um espaço para a ativação do imaginal, e assim se transformar no receptáculo do “*mundo da imaginação*”.

Sabemos que em toda prática analítica, a relação estabelecida pela díade analista – analisando promove interações e estruturações afetivas próprias ao campo do “*setting*” analítico. Contudo como estas configurações de afeto se assemelham aos resultados de encontros pessoais comuns e rotineiros, percebe-se que na relação analítica essas interações reproduzem as maneiras como o paciente se conduz no seu cotidiano.

Para que ocorra um bom *Encontro Pessoal* necessita-se da *arte* de estar diante de um outro, e desenvolver vínculos valorativos, respectivos aos atributos da compreensão, compaixão, bondade. Designa-se *arte* a “*um conjunto de preceitos para a execução de qualquer coisa*” (CUNHA, 1982, p.72). Portanto, consideramos o conceito de arte como a capacitação para a realização de uma atividade. Esta habilitação no *encontro pessoal* se traduz na adequação dos posicionamentos tomados em situações de se pôr de frente, ou de confrontação pessoal, e de se assumir frente às atitudes tomadas. Pois, a possibilidade de observar os resultados destas representações em confronto e de integrá-los, constitui-se em circunstâncias necessárias ao desenvolvimento do si mesmo, ou *Self* enquanto totalidade psíquica.

Do mesmo modo, em todo Encontro na análise ocorrem os mesmos resultados interativos, propícios à construção da subjetividade. Porque ambos - terapeuta e cliente - se colocam frente a frente diante das situações de conflito e tensão, trazidas pelo paciente. Logo, é através do reconhecimento desta imagem de um *outro* presente na relação que se consegue fazer conexão com o *outro* presente em cada singularidade interna.

Em linguagem junguiana, a prática da psicoterapia conduz a um *encontro com aquilo que é mais específico e pessoal em cada um*. Sendo esta realização o sentido de um processo chamado de *individuação*. Entende-se por *individuação* a possibilidade de alguém conseguir realizar-se o mais plenamente possível como indivíduo. Contudo, sem deixar de pertencer e contribuir para com a comunidade social a que pertence. Pois a *individuação* não consiste em um proceder individualista, ou em atitudes de isolamento e distanciamento do ambiente social. Sendo que neste movimento pessoal a condução do analista é o agente facilitador e acelerador, muito embora a *individuação* também seja alcançada fora da análise.

Logo o processo analítico só favorece e acelera a tomada de consciência acerca da realização de si mesmo. E ele é feito através da leitura e integração das imagens das emoções presentes nas constantes interações promovidas.

O encontro com o *outro* é determinado pela ação de um *ego*, que recebeu do *Self* a função de revelar os seus próprios recursos pessoais. Esta revelação é mediada pela tomada de consciência do sentido e significado de cada figuração apresentada nas projeções ocorridas. O *Self* refere-se à disposição psicológica central do aparelho psíquico, e como o centro original e ordenador de toda a atividade psíquica, ele é a totalidade psicológica, englobando o inconsciente e a consciência. Por ser a origem do *ego*, o *Self* se apresenta ao *ego* como sendo a imagem também de um *outro*. O *ego*, como núcleo da consciência, a sua atividade é de permitir a construção plena do sujeito, garantindo o caminhar da *individuação*, a partir da organização e integração das experiências e seus resultados. Esta ordenação é feita por meio da análise e impressão das representações mentais, fantasias e imaginações ocasionadas pela percepção das vivências pessoais. Para tanto, todo conteúdo do imaginário necessita estar contido ou limitado em um campo relacional, ou em um espaço propício a sua percepção por parte da consciência subjetiva.

Contudo, o indivíduo na condução de sua *individuação para poder captar sua totalidade*, e reconhecer os seus vínculos afetivos necessita primeiramente estar de frente com um *outro*. Pois, como explica Vigostky (1998) o homem aprende os valores humanos, ou se humaniza, quando convive com *outros* homens. Ou seja, para conseguir encontrar o caminho da *individuação* conscientemente, o indivíduo precisa constituir valores humanos através de estabelecer laços amorosos com outros semelhantes a ele. Jung (1994) falando acerca dos processos projetivos do inconsciente, parece dar o motivo ou a causa da afirmação de Vigostky. Jung (1994) comenta que é através da dinâmica de depositar (projetar) no meio externo, ou em outras pessoas os desafetos negados e ocultos, que o sujeito consegue entrar em contato com estes sentimentos. Quando os percebe, confronta, e integra, o sujeito se transforma espiritualmente. Pois ele adquire integridade porque se aceita do jeito que é e procura ser. Logo, as projeções de afetos, canalizados pela pessoa do analista, permitem a revisão dos valores pessoais e a reconstrução da subjetividade.

Sendo assim, as imagens valorativas e afetivas que emergem no Encontro Analítico são representações dos padrões arquetípicos da humanidade. Entendendo-se por humanidade o valor espiritual relativo à natureza de ser homem, presente como representação psíquica em todo ser humano e originário das estruturas biológicas. Os arquétipos são determinações comportamentais universais e coletivas, que se manifestam como pré-figurações das condições espirituais, necessárias à *humanização*⁸ do homem. Portanto eles (os arquétipos) fazem referência a uma herança psíquica. No entanto como possibilitam a organização da vida psicológica - por eles estarem associadas à energia dos instintos - as manifestações destes padrões arquetípicos conduzem a individuação, porque são dotados de forças motivadoras. Porém, é na medida em que se determine o sentido e o valor das necessidades expressas, que as projeções deste mundo de imaginação herdado conduzem à individuação. Desta forma pode-se dizer que a individuação – ou *poder ser integralmente o que se é* - é facilitado pelo *encontro frente a frente* com outro homem: *o analista*. Com ele o paciente percorre e refaz os caminhos dos desencontros afetivos, e pode descobrir as intenções e segredos neles omitidos. Descobri-do-se, por e na relação analista – analisando, o meio de desvelar àquilo que verdadeiramente se é.

Logo, através da intervenção analítica ocorre a elucidação do imaginário presente nas figuras projetadas, ou transferidas, para o analista. E assim o paciente tem a possibilidade de se conectar as suas fantasias e delas retirar as emoções ocultas, suas questões inconscientes, e o sentido e significado delas na sua vida.

O problema aqui formulado está na discussão dos conteúdos imagéticos desencadeadas pela prática da psicoterapia, através dos diferentes níveis de comunicação estabelecidos entre analista e analisando. Estas vias de linguagem se estabelecem nas seguintes interações possíveis: entre consciência de um e consciência do outro; consciência de cada um com o inconsciente respectivo; o inconsciente de um associado ao inconsciente do outro; e a consciência de cada um ligada ao inconsciente do outro. E são consideradas como transferências, quando são mensagens do cliente projetadas na pessoa do analista; e contratransferências quando o terapeuta se sente tocado, mexido e reativo à projeção feita, tomando-a para si.

Portanto, é relevante a determinação dos simbolismos e significações vindos destes canais receptivos de ambos personagens da ação analítica. Pois esta leitura constitui-se na *arte* do trabalho de resgate e ajuda ao desenvolvimento da personalidade total do analisando. Já que as imagens das emoções referem-se às representações dos diferentes estágios de desenvolvimento interno do cliente, e, portanto, são elementos para serem interpretados, inclusive àquelas que tocam mais intimamente ao terapeuta.

O trabalho com as práticas expressivas, ou o recurso da Arteterapia, tem como objetivo facilitar e habilitar a comunicação das experiências do cliente em situação analítica. Assim sendo, a introdução da Arteterapia na relação analítica flexibiliza a entrada do cliente em situação de análise. Já que ela favorece as projeções das experiências de vida, das suas necessidades e possibilidades virtuais. As configurações produzidas realizam a conexão entre o mundo interno e externo do cliente, porque elas estabelecem pontes simbólicas, e adquirem funções estruturantes. E, deste modo disponibiliza e mobiliza os recursos internos para criações de novas identidades.

O símbolo é a expressão do inconsciente, o qual só consegue revelar-se por meio de linguagens em imagens, como as fantasias, ideais, sonhos, e atividades espontâneas. Ele é o portador dos mistérios, do sagrado, ou das determinações espirituais que necessitam encontrar receptividade para fecundar a consciência do analisando.

Portanto a importância da descrição e interpretação das imagens das emoções para o Encontro Analítico (JACOBY, 1987) está na consideração dos simbolismos presentes no favorecimento das interações produzidas. Sejam elas vistas nas repercussões no psiquismo do analista, vindas através dos processos de transferência do analisando e contratransferência do analista. Sem se esquecer dos cuidados para com as contaminações do material inconsciente do analisando, mas contemplando as impressões conscientes do terapeuta como contribuições para com as expressões de seus clientes.

Assim, para iniciar as determinações para o Encontro Analítico na interpretação das suas próprias imagens devem-se considerar as condições do homem contemporâneo, e a função da psicoterapia e da espiritualidade dentro deste contexto. Para tanto, a abordagem precisa considerar: a limitação da vida voltada para o imediato, à preocupação para com as expectativas externas, as atitudes devoradoras presentes na ideologia consumista, como respostas às intensas sensações de esvaziamento interno. Este vazio interior correspondente às atuais questões de distanciamento para com as manifestações da sensibilidade e drama humanos, e são provocadoras dos desencontros com a nossa humanidade.

Considerar a transferência e a contratransferência como fatores inerentes à relação terapêutica, traz a referência à linguagem do inconsciente e aos os processos de formação de símbolos. Assim a intermediação das representações do imaginário permite a conversão da energia psíquica em procedimentos criativos, na atualização de virtuais manifestações de identidades possíveis ao homem.

⁸ Parece ser paradoxal falar de um sentido de humanização para o homem como um aspecto espiritual a ser alcançado, mas isto é o reflexo das constantes manifestações desumanas vistas nos dias atuais, desde para com seus semelhantes, ou com o meio ambiente, as relações estão cada vez mais brutalizadas, individualizadas e destituídas dos valores de compreensão, solidariedade e generosidade.

A análise das imagens das emoções é a possibilidade do sujeito conectar-se consigo mesmo, encontrando sentido para suas ações, e viabilizar o caminho da individuação. As ampliações feitas a partir das associações do analisando, juntamente com as impressões de seu analista vão dando configuração ao imaginário do cliente, ordenando e organizando os seus modos de composição. A utilização dos instrumentos do espaço analítico (como o material de Arteterapia) auxilia na leitura dos temas do conflito psicológico e seus desdobramentos. Deste modo, quando as emoções podem ser reveladas e trabalhadas junto com as impressões observadas pelo analista, elas são mais facilmente assimiladas pela consciência, e, conseqüentemente, ocorrem mudanças indicativas das transformações ocorridas.

Logo, o espaço terapêutico, mais precisamente a Relação Analista – Analisando é um fator ativador e gerador da energia do mundo imaginal do inconsciente coletivo e seus arquétipos. Na medida em que o cliente pode integrar as emoções de suas imagens, as quais lhe são reveladas, ele se reestrutura, altera os seus modos de agir, e segue o caminho de sua espiritualização e humanização.

Referências

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

JACOBY, M. *O encontro analítico*. São Paulo: Cultrix, 1987.

JUNG, C. G. *O Eu e o inconsciente*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

VIGOSTSKY, L. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARTIGOS DE ATUALIZAÇÃO OU DIVULGAÇÃO

6 - BIBLIOGRAFIA DA ARTETERAPIA NO BRASIL

Ana Cláudia Afonso Valladares⁹

Resumo: Este trabalho procura atualizar os leitores quanto à publicação sobre Arteterapia no Brasil.

Palavras-chave: Arteterapia; Ensino; Bibliografia.

Art therapy's bibliography in Brazil

Abstract: This work searches to update the readers regarding the publication about Art therapy in Brazil.

Key words: Art Therapy; Teaching; Bibliography.

Bibliografía de Arteterapia en Brasil

Resumen: Este trabajo busca actualizar a los lectores en cuanto a la publicación sobre Arteterapia en Brasil.

Palabras clave: Arteterapia; Enseñanza; Bibliografía.

A - LIVROS de Arteterapia publicados no Brasil:

A.1) ALLESSANDRINI, C. D. **Análise microgenética da oficina criativa:** projeto de modelagem em argila. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. (Coleção Arteterapia).

A.2) _____. **A vida de uma grande garota:** Luciana Chéde. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. (Coleção Arteterapia).

A.3) _____. **Oficina criativa e psicopedagogia.** 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

A.4) _____. (Org.). **Tramas criadoras na construção de "ser si mesmo".** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

A.5) ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas.** São Paulo: Vetor, 2000.

A.6) ARCURI, I. G. **Arteterapia e o corpo secreto:** técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal. São Paulo: Vetor, 2006.

A.7) _____. **Memória corporal:** o simbolismo do corpo na trajetória da vida. São Paulo: Vetor, 2004.

A.8) _____. (Org.) **Arteterapia de corpo & alma.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

A.9) _____. **Arteterapia:** um novo campo do conhecimento. São Paulo: Vetor, 2006.

A.10) BELLO, S. **Pintando sua alma:** método de desenvolvimento da personalidade criativa. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

A.11) BERNARDO, P. P. **A prática da Arteterapia:** correlações entre temas e recursos. São Paulo: Editora da Autora, 2008. Vol. 1 – Temas Centrais em Arteterapia.

⁹ Presidente da Associação Brasil Central de Arteterapia; Membro do Conselho Diretor da União Brasileira das Associações de Arteterapia (UBAAT); Prof^ª Dr^ª da Universidade Federal de Goiás; Coordenadora do Livro Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental da Editora Vetor (SP); Coordenadora do Conselho Editorial da Revista Científica Arteterapia Cores da Vida (GO)

- A.12) BLAUTH, L.; WOSIACK, R. M. R. (Orgs.). **Arte e psicologia**: intervenções possíveis. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2007.
- A.13) BLAUTH, L.; WOSIACK, R. M. R. (Orgs.). **Terapias expressivas ou Arteterapia**: vivências através da arte. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2006.
- A.14) BROWN, D. **Fundamentos de Arteterapia**. São Paulo: Vitória Régia, 2000.
- A.15) CARVALHO, M. M. M. J. (Org.). **A arte cura?** Recursos artísticos em psicoterapia. São Paulo: Livro Pleno, 2004.
- A.16) CHIESA, R. F. **O diálogo com o barro**: o encontro com o criativo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- A.17) CHRISTO, E. C.; SILVA, G. M. D. **Criatividade em Arteterapia**: pintando & desenhando, recortando, colando & dobrando. Rio de Janeiro: WAK, 2005.
- A.18) CIORNAI, S. **Da contracultura à menopausa**. São Paulo: Oficina de Textos, 1999.
- A.19) _____. **Percursos em Arteterapia**: Arteterapia e educação, Arteterapia e saúde. São Paulo: Summus, 2005. Vol. 64. (Coleção Novas Buscas em Psicoterapia).
- A.20) _____. **Percursos em Arteterapia**: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em Arteterapia. São Paulo: Summus, 2004. Vol. 62. (Coleção Novas Buscas em Psicoterapia).
- A.21) _____. **Percursos em Arteterapia**: ateliê terapêutico, Arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, Arteterapia e história da arte. São Paulo: Summus, 2004. Vol. 63. (Coleção Novas Buscas em Psicoterapia).
- A.22) COUTINHO, V. **Arteterapia com crianças**. Rio de Janeiro: WAK, 2005.
- A.23) _____. **Arteterapia com idosos**: ensaios e relatos. Rio de Janeiro: WAK, 2008.
- A.24) GIORDANO, A. **Contar histórias**: um recurso arteterapêutico de transformação e cura. São Paulo: Artes Médicas, 2007.
- A.25) GOLINELI, R.; SANTOS, W. A. S. **Arteterapia na educação especial**. Goiânia: Editora do Autor, 2002.
- A.26) FABIETTI, D. M. C. F. **Arteterapia e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- A.27) FINIMUNDI, M. R. L. **Arteterapia**: educação e saúde. Caxias do Sul, RS: Editora da Autora, 2008.
- A.28) FORTUNA, S. M. C. B. **Doença de Alzheimer, qualidade de vida e terapias expressivas**. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2005.
- A.29) FRANCISQUETTI, A. A. (Coord.). **Arte Medicina**. São Paulo: Médica Paulista, 2005.
- A.30) HAUSCHKA, M. **Contribuições para uma atuação terapêutica**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2003. (Coleção Terapia Artística).
- A.31) _____. **Natureza e tarefa da pintura terapêutica**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2003. (Coleção Terapia Artística).
- A.32) KIYAN, A. M. M.; BONANTE, R. (Org.) **Arte como espelho**: experimentos em arte-terapia gestáltica. São Paulo: Altana, 2006.
- A.33) MEDEIROS, A.; BRANCO, S. **Contos de fada**: vivências e técnicas em Arteterapia. Rio de Janeiro: WAK, 2008.
- A.34) OLIVIER, L. **Psicopedagogia e Arteterapia**: teoria e prática na aplicação em clínicas e escolas. Rio de Janeiro: WAK, 2007.
- A.35) ORMEZZANO, G. (Org.). **Questões de Arteterapia**. 2.ed. Passo Fundo, RS: UPF, 2005.

- A.36) PAIN, S.; JARREAU, G. I. **Teoria e técnica da arte-terapia**: a compreensão do sujeito. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- A.37) PHILIPPINI, A. **Para entender Arteterapia**: cartografias da coragem. Rio de Janeiro: WAK, 2005.
- A.38) _____. **Reencantamentos para libertar histórias**. Rio de Janeiro: WAK, 2005.
- A.39) PHILIPPINI, A. (Org.) **Arteterapia em revista**. Rio de Janeiro: WAK, 2008.
- A.40) _____. **Arteterapia**: métodos, projetos e processos. Rio de Janeiro: WAK, 2007.
- A.41) REISIN, A. **Arteterapia**: semânticas e morfologias. São Paulo: Vetor, 2006.
- A.42) RHYNE, J. **Arte e gestalt**: padrões que convergem. São Paulo: Summus, 2000.
- A.43) RILEY, S. **Arteterapia para famílias**. São Paulo, Summus, 1998.
- A.44) SANTOS, D. P. **Psicopedagogia dos fantoches**: o jogo de imaginar, construir e narrar. São Paulo: Vetor, 2006.
- A.45) SILVA, L. P. B. (Org.) **Bruxas e fadas, sapos e príncipes**: os contos de fadas em experiências arteterapêuticas. Rio de Janeiro: WAK, 2006.
- A.46) SOUZA, O. R. **Longevidade com criatividade**: Arteterapia com idosos. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2005.
- A.47) TOMMASI, S. M. B. **Arte-terapia e loucura**: uma viagem simbólica com pacientes psiquiátricos. São Paulo: Vetor, 2005.
- A.48) TOMMASI, S. M. B. (Org.). **Revisando a ética com múltiplos olhares**. São Paulo: Vetor, 2005.
- A.49) URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia**: a transformação pessoal pelas imagens. Rio de Janeiro: WAK, 2003.
- A.50) _____. **Interpretando imagens**: transformando emoção. Rio de Janeiro: WAK, 2006.
- A.51) VALLADARES, A. C. A. **A Arteterapia humanizando os espaços de saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- A.52) VALLADARES, A. C. A. (Org.) **Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental**. São Paulo: Vetor, 2004.
- A.53) VICTORIO, M. **Impressões sonoras**: música em Arteterapia. Rio de Janeiro: WAK, 2008.

B - REVISTAS de Arteterapia publicadas no Brasil:

- B.1) **Revista de Arteterapia: Imagens da transformação**. Rio de Janeiro, Clínica Pomar. Volumes de 1 a 12 (1994-2006).
- B.2) **Revista Arte-Terapia: Reflexões**. São Paulo, Instituto Sedes Sapientiae. Volumes de 1 a 7 (1995-2006).
- B.3) **Arteterapia em Revista**. Porto Alegre, Centrarte. Volume 1 e 2 (2005).
- B.4) **Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida** [On-line]. Goiânia, Associação Brasil Central de Arteterapia. Volume 1 a 6 (2005-2008), disponível gratuitamente: <http://www.brasilcentralArteterapia.org>

C - Publicações de TESES em Arteterapia¹⁰ no Brasil:

C.1) BERNARDO, P. P. **A “Doce Medicina”: trabalhando com a sabedoria da psique na criação de um conhecimento integrado ao autoconhecimento.** 2001. 297 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia – Área Psicologia Escolar e de Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

C.2) SANTANA, C. L. A. **Avaliação de resultados em Arteterapia.** 2004. 279 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina – Área de Psiquiatria, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

C.3) VALLADARES, A. C. A. **A Arteterapia com criança hospitalizada: uma análise interpretativa de suas produções.** 2007. 222 f. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Área de Enfermagem Psiquiátrica, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

C.4) YOKOTA, M. **A experiência de melhora dos sintomas através de arte-terapia em adolescentes com depressão refratária.** 2003. 137 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina – Área de Fisiopatologia Experimental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

¹⁰ Existem outras teses no Brasil que já foram citadas em forma de livro, pois as mesmas já foram publicadas nesta configuração